

Interagindo com Foucault – Os arranjos disposicionais e a comunicação

Interacting with Foucault – Dispositional arrangements and communication

José Luiz Braga

jbraga@unisinis.br

Professor Titular no PPG em Ciências da Comunicação – Unisinis.

Resumo

O artigo argumenta, em quatro passos, que a “filosofia do dispositivo” de Foucault pede ajustes e derivações para ser acionada como heurística na pesquisa em comunicação. O texto expõe a construção conceitual de “dispositivo” feita por Foucault em entrevista à revista *Ornicar*. Mostra o contexto constituído pelos usos da expressão nas duas últimas décadas do século XX – nas práticas sociais e na variedade de perspectivas debatidas na revista *Hermès*, em 1999. A proposta foucaultiana, assim como algumas interpretações desta, são tensionadas, em uma perspectiva voltada para o uso heurístico e não limitada aos problemas investigados pelo autor. Finalmente, são propostas derivações requeridas por questões comunicacionais.

Palavras-chave: Michel Foucault, dispositivos interacionais, arranjos disposicionais, heurística.

Abstract

The paper argues, in four steps, that Foucault’s “philosophy of the *dispositif*” asks for adjustments and derivations to be triggered as heuristics in communication research. The text exposes the conceptual construction of “*dispositif*” made by Foucault in an interview to *Ornicar*. It shows the context constituted by the uses of the expression in the last two decades of the twentieth century – in social practices and in a variety of perspectives discussed in *Hermes*, in 1999. Foucault’s proposal as well as some interpretations of it are questioned in a perspective focused on heuristics and not limited to the problems investigated by the author. Finally, the article proposes derivations required for communication issues.

Keywords: Michel Foucault, interactional dispositifs, dispositional arrangements, heuristics.

A comunicação só se torna foco enfático de atenção quando redirecionamos o olhar das coisas prontas para os processos que as produzem.

Introdução

Não lemos um autor apenas para compreender o que ele propõe e aplicar ou recusar suas teorias. Queremos fazer alguma coisa mais: derivações ajustadas ao que estamos investigando, transferências para outro contexto, fazendo rever seu teor e seu escopo. Queremos tensionar as propostas, testando sua potencialidade adaptativa para

situações diversas das pesquisas em que foram gestadas. Em uma lógica de epistemologia evolucionária, é isto que sobretudo faz avançar o conhecimento.

É o que quero fazer com o conceito de “dispositivo” de Michel Foucault. Trata-se de aprofundar seu exercício heurístico no desentranhamento comunicacional – o que explica o título deste artigo. Mas para fazer isso com pertinência, é preciso compreender bem o que o autor encaminha.

Sabemos que a noção de dispositivo, em Foucault, foi desenvolvida na abordagem metodológica de suas pesquisas, antes sequer de ser conceitualmente elaborada. A entrevista dada à revista do campo freudiano de Paris,

em 1977, pouco depois da publicação de *La volonté de savoir*, é a primeira explicação sobre o sentido teórico da proposta (Foucault, 1994, p. 295-329).

Diante da pergunta de A. Grosrichard – “Qual é, para você, o sentido e a função metodológica desse termo: ‘dispositivo’?” (p. 298) – Foucault oferece uma resposta aparentemente simples, organizada em apenas três características.

A partir da base foucaultiana e revisando interpretações feitas por outros autores, o presente artigo tem dois objetivos correlacionados:

- a) Expor minha própria interpretação da proposta teórico-metodológica de Foucault na entrevista – que constitui o que chamarei de um “modelo heurístico”.
- b) Elaborar o ponto de encontro entre a proposta e minhas reflexões a respeito do *processo comunicacional* – objeto não estudado por Foucault, o que nos leva a acionar o conceito com outros objetivos, tensionando seu enfoque original.

Esses dois ângulos são desenvolvidos em quatro passos: a exposição do conceito em Foucault; uma contextualização da expressão “dispositivo”; alguns tensionamentos; e finalmente derivações para o campo da comunicação.

1. Expondo

As exposições ternárias – como na organização adotada por Foucault na entrevista – estimulam um enfoque excessivo nos vértices expostos. Para compreender o que a entrevista oferece, devemos resistir à constringência da forma triangular.

É preciso, também, não se limitar a dizer o que diz Foucault, mas sobretudo mostrar *o que ele faz*, como construção de conceito, explicitando a tarefa de cada proposição e seu resultado conjunto. Ao final deste item, um quadro mostra falas e ações correlacionadas.

Para desmontar o triângulo, noto inicialmente que os três vértices se desdobram. No primeiro, duas proposições em sequência imediata fazem coisas diferentes:

O que tento demarcar sob esse nome é, primeiramente, um conjunto resolutamente heterogêneo, comportando discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em suma: tanto o dito como o não dito, aí estão os elementos do dispositivo.

O dispositivo, propriamente, é o sistema de relações que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, p. 299).

1 No original: “[...] le dispositif, lui-même, c’est le réseau qu’on peut [...]”. Mas a palavra “rede”, hoje, passou a significar qualquer

A proposição inicial, antes de entrar na substância do conceito, apresenta os *componentes possíveis* de um dispositivo. A tática cumulativa (e não categorizadora) concretiza a heterogeneidade: “tudo” pode fazer parte de um dispositivo. Nota-se que não há elementos destacados *a priori*, como se fossem mais relevantes que outros. Assim, a heterogeneidade alcança, além da grande diversidade possível, a distribuição da relevância.

A abrangência de “elementos possíveis” vai ser sublinhada um passo adiante: eles podem ser “discursivos ou não”. E novamente, quando Grosrichard assinala a substituição da ênfase em epistemes ou formações discursivas, nas obras anteriores de Foucault, pela abordagem de dispositivos, o entrevistado responde que

[o] dispositivo é um caso muito mais geral que a episteme. [...] a episteme é especificamente discursiva, enquanto o dispositivo é discursivo e não discursivo, seus elementos são muito mais heterogêneos (Foucault, p. 300-301).

A outra proposição vai, de modo direto e com força sintética, à *substância conceitual*: “o dispositivo mesmo é o sistema de relações que se pode estabelecer entre esses elementos”. Uma rede de conexões não preestabelecidas, *que pode se formar* entre os elementos, é a caracterização básica do dispositivo.

O segundo passo de Foucault (a terceira ação que percebemos) refere-se à *natureza* do dispositivo – à lógica básica do sistema de relações – explicitando o que antes era implícito:

O que quero enfatizar no dispositivo é justamente a natureza do vínculo que pode existir entre esses elementos heterogêneos. [...] entre esses elementos, discursivos ou não, há como que um jogo, mudanças de posição, modificação de funções, que podem ser, elas também, muito diferentes (Foucault, p. 299 – grifamos).

O que pode (ou não) se estabelecer se caracteriza como um tipo de jogo, um arranjo que vai se organizando entre os componentes. Por sua própria natureza, esse jogo é sujeito a modificações – as próprias regras do jogo não são predefinidas nem imutáveis.

Essa caracterização (tão rapidamente exposta nesse ponto da entrevista que pode ser despercebida por Agamben²) é, entretanto, reforçada adiante (já fora do tri-

circulação com pluralidade de falas. Em Foucault, *reseau* indica relações que *formam sistema* – o que pode ser expresso por “sistema de relações”. Na tradução em inglês da entrevista (1980) também encontro “the system of relations”. Obs.: Todas as traduções de referências em outras línguas são nossas.

2 Agamben passa diretamente ao “terceiro” de Foucault como seu segundo. Depois, reconstitui a forma ternária criando seu próprio

ângulo), a partir de uma pergunta de G. Miller. Foucault tinha falado sobre os objetivos setoriais que resultaram em uma posição comum entre a magistratura e os psiquiatras, que acabaram elaborando uma visão punitiva da loucura – um dispositivo para disciplinar essa questão:

*G. Miller: parecem benfeitas demais, essas estratégias [...] eu me pergunto se não é preciso, no entanto, reconhecer aí um espaço em que ocorrem ... trapalhadas?*³

M. Foucault – Estou inteiramente de acordo. A magistratura e a psiquiatria acabam por se articular, mas através de que trapalhadas, que erradas! (p. 311).

Fica evidente, aí, o aspecto tentativo, de ensaio-e-erro, do jogo pragmaticamente construído até funcionar – e, portanto, sendo sempre, bem ou mal, *um arranjo*. A natureza *tentativa* do dispositivo (talvez apenas superficialmente referida no segundo tópico de Foucault) fica assim atestada. Essa perspectiva vai se reforçar em tópicos subsequentes.

O terceiro ponto de Foucault se desdobra mais que o primeiro. A proposição de abertura deste ponto é a seguinte:

Em terceiro lugar, por dispositivo entendo uma espécie – digamos – de formação, que, em dado momento histórico, teve por função maior responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (Foucault, p. 299).

Dois aspectos são sublinhados na *gênese* do dispositivo: uma urgência; e uma função estratégica. O momento em que o dispositivo começa a se preparar socialmente é a constatação de um problema. Não uma questão ideal ou universal para o ser humano, atemporal – mas questão constatada em um momento histórico, concreta, singular, vivida e não apenas “pensada”. Uma *urgência*, justamente.

A *gênese* do dispositivo se realiza como função estratégica – enfrentar o que se considera como urgência⁴, buscar soluções e encaminhamentos pertinentes. Mas a

terceiro com outra referência: “É algo de geral [...] porque inclui em si a episteme” (Agamben, 2005, p. 10) – que lhe servirá de base, depois, para afirmar que o dispositivo é “o que na estratégia foucaultiana ocupa o lugar dos Universais” (p. 11). Voltaremos a essa questão.

3 Em francês: “[...] est-ce qu’il n’y a pas tout de même une place à faire au ...bordel?” A expressão “bordel” é popularmente usada, na França, para expressar processos desordenados.

4 Foucault não define “urgência” – utiliza a palavra no sentido, intuitivo, de problema a resolver. Dado o contexto do uso, inferimos tratar-se de problemas para os quais não há soluções ou encaminhamentos canônicos. É com este sentido especificado que acionamos a palavra.

gênese não se completa nesse desencadeamento. O “terceiro ponto” se desdobra:

Eu veria dois momentos essenciais nessa gênese. Um primeiro momento que é aquele da prevalência de um objetivo estratégico. Em seguida, o dispositivo se constitui propriamente como tal (Foucault, p. 299).

Passamos assim da urgência que desencadeia ações para o objetivo estratégico, fazendo iniciar a elaboração do arranjo – canhestra, feita de tentativas – até que este se estabeleça. Esse ângulo cobre, em sua concisão, uma *processualística da gênese dos dispositivos*: urgência explicitada – objetivo estratégico – elaboração tentativa do arranjo. Apesar da formulação sintética, o processo pode implicar longos períodos históricos – como o evidenciam os exemplos tratados por Foucault durante a entrevista.

O desdobramento seguinte retoma a dinâmica dessa constituição, para mostrar que a elaboração, a rigor, não tem fim:

[O dispositivo] é lugar de um duplo processo: de uma parte, processo de sobredeterminação funcional, pois cada efeito, positivo e negativo, desejado ou indesejado, entra em ressonância ou em contradição com os outros, e pede uma retomada, um reajuste, dos elementos heterogêneos que surgem aqui ou ali. De outra parte, processo de perpétuo preenchimento estratégico (Foucault, p. 299).

Já não se trata apenas dos processos de *gênese* (que poderiam cessar uma vez constituído o dispositivo), mas de um *padrão de funcionamento*: “perpétuo preenchimento estratégico”. As soluções trazem novos problemas, logo, novos encaminhamentos.

O processo não implica, no entanto, uma constante instabilidade, um desmontar continuado do que se montou na véspera. Lá adiante, na entrevista, outra proposição desgarrada do triângulo explicativo oferece uma percepção fundamental para completar a conceituação do dispositivo. Diz Foucault:

Pouco a pouco se forma em torno disso tudo um discurso [...]. Depois, as experiências se generalizam, graças à interveniência de instituições, de sociedades que pro põem, muito explicitamente, programas... (p. 306).

Este é o *processo de consolidação*. O arranjo pode ser considerado estabelecido quando gerou um discurso estável, que *diz e justifica suas lógicas*. Nesse estágio, o dispositivo se torna uma “verdade”. Ou mais exatamente, na

perspectiva foucaultiana, torna-se o critério da distinção entre verdade e falsidade, entre o que pode ou não pode ser dito.

Podemos perceber aí uma distinção entre discursos. Por um lado, as formações discursivas já disponíveis na sociedade, desde antes da urgência a ser estrategicamente enfrentada – e que podem comparecer na descrição da urgência ou alimentar as tentativas estratégicas. E agora, um “discurso *do dispositivo*”, que, tendo se estabelecido, *se diz* (fazendo a reinterpretação daqueles discursos componentes, elaborando derivações, esquecimentos, substituições). Mas não se trata apenas de uma revisão de discursos antes vigentes. Uma realidade foi elaborada pelo arranjo entre os discursos, as práticas concretas, as experimentações selecionadas. É a essa construção que Foucault chama de dispositivo – mais abrangente e complexo que a noção de episteme. O discurso do dispositivo, entendo, é *uma emanção* deste – que se propõe, no entanto, *como se fosse seu fundamento*.

Nessa fase, a sociedade “esquece” as confusões e as trapalhadas – estas são re-historicizadas na forma de erros e descaminhos, superados pelos mais esclarecidos, na construção desejada do caminho – como para evidenciar uma “verdade” que apenas aguardasse ser exposta.

Mas as estratégias não são desenvolvidas por um estrategista previdente – Foucault trata mesmo de estratégias sem sujeito (“de que não se pode mais dizer quem as concebeu” – p. 306). Malgrado certa resistência dos entrevistadores a essa proposição, a ideia é simples, pois aparece na lógica mesmo dos arranjos: experimentações se multiplicam (daí as trapalhadas). Os embates e arranjos decorrentes singularizam estratégias diversificadas – e os sujeitos destas, é claro. Depois, por uma espécie de “seleção espontânea”⁵ entre eficácias relativas, os setores participantes vão ajustando o “melhor arranjo”, no sentido de obter respostas aceitáveis para as urgências consideradas, um pouco por acordo, um pouco por pressões, bastante por experimentalidade dispersa, pós-selecionada na prática. “Estratégias sem sujeito” caracterizam o arranjo estabelecido. Trata-se de estratégias sem projeto prévio articulador das decisões – reiterando a característica de ensaio-e-erro do dispositivo.

Há ainda um elemento adicional, na composição do modelo foucaultiano de dispositivo. Não é propriamente um aspecto conceitual: corresponde à perspectiva epistemológica que dá sentido ao conjunto. Não apenas fundamenta a elaboração do conceito, mas é relevante para a compreensão da proposta e para um acionamento

5 Caracterizar a seleção como “espontânea” não significa ausência de interesses setoriais, de opressões, conflitos e expropriações – mas apenas que a seleção não é direcionada por um projeto racional que lhe sirva de critério de sucesso. Vejo aqui uma analogia com a seleção natural, de Darwin, reforçando a ideia de desenvolvimentos sem projeto consciente.

consistente. Trata-se da recusa dos universais. Esse ângulo aparece apenas indiretamente na entrevista à *Ornicar* – mas é uma posição conhecida do autor. Paul Veyne, em sua obra sobre Michel Foucault, cita: “Não se trata de passar os universais pelo ralador da história, mas de fazer com que a história passe pelo fio de um pensamento que recusa universais” (Foucault, *cit. ap.* Paul Veyne, 2011, p. 20). Essa tomada de posição implica, no que se refere ao dispositivo, que não há verdades *a priori* que determinem os objetivos e os arranjos no enfrentamento dos problemas. Não se trata de um relativismo ontológico. Paul Veyne mostra que Foucault apenas recusa “verdades gerais”, “trans-históricas” (p. 23). E ainda: “É claro que os livros de história e de física, que não falam por meio de ideias gerais, estão cheios de verdade” (p. 25).

A recusa dos universais é o lugar em que o dispositivo encontra seu sentido epistemológico e sua possibilidade heurística, pois desloca as ideias universais como modo de ocorrência da realidade histórica. Em vez de observar a realidade como decorrente de verdades universais que buscam seu caminho em meio às imperfeições do mundo, permite abordá-la enquanto construção laboriosa (ainda que canhestra, dados os limites da ação humana) de soluções *ad hoc* para problemas práticos postos pela natureza e pela convivência entre os seres humanos, movidos por suas dinâmicas diferenciadas – sem critérios *a priori* para dirimir entre essas diferenças.

Resta apenas um ponto a ser comentado nessa primeira parte: a perspectiva de Agamben, antes apontada, de que o dispositivo seria o último dos universais. Agamben considera como dispositivo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2005, p. 13).

Na sessão de debates da conferência “Qu’est-ce qu’un dispositif?”, de Deleuze, um participante, no público, reage à proposição de que Foucault recusa universais, afirmando nele encontrar “toda sorte de universais: dispositivos, discurso, arquivos, etc., que provam que a ruptura com o universal não é radical”. Em resposta a essa proposição, o *compte rendu* das discussões informa que Deleuze

sublinha que a verdadeira fronteira é entre constantes e variáveis. [...] Pouco importa que se empreguem termos gerais para pensar os dispositivos: são nomes de variáveis. Toda constante é suprimida. As linhas que compõem os dispositivos afirmam variações continuadas (in Deleuze, 1989, p. 193).

O dispositivo não é, portanto, uma essência, uma ideia universal. Não é o que move os processos sociais – é o

resultado instável e frequentemente canhestro dos arranjos pelos quais as urgências foram ou são enfrentadas. Estudar dispositivos corresponde a examinar esse processo tentativo – descobrir as lógicas internas e históricas do arranjo elaborado.

Foucault não elabora uma ontologia – ao tratar “do dispositivo” (assim especificado, no singular de aparência ontológica), está na verdade se referindo às estratégias que, ao enfrentar uma urgência, levaram a determinados

arranjos. É por isso que sua proposta pode ser acionada como um modelo heurístico de largo alcance para a observação de objetos da realidade, enfatizando a “dimensão disposicional” das coisas.

O quadro a seguir apresenta uma síntese articulada de nossa interpretação. As ações da segunda coluna explicitam o que os dizeres da primeira coluna *fazem*, na elaboração do modelo, ao afirmar o que afirmam.

A Construção Conceitual

Ângulos expostos por Foucault	O que Foucault faz nessa fala
... um conjunto heterogêneo [...] tanto o dito como o não dito. ... discursivos ou não.	Indica componentes (heterogeneidade)
... é o sistema de relações que se pode estabelecer entre esses elementos.	Define a substância (um sistema de relações)
... entre esses elementos [...] há como que um jogo acabam por se articular – através de que trapalhadas!	Esclarece a natureza (um jogo, um arranjo; tentativas; experimentalidade)
... em dado momento histórico, responder a uma urgência. ... uma função estratégica dominante.	Constata a gênese ... (urgência > função estratégica)
... um objetivo estratégico. Em seguida, o dispositivo se constitui.	... e sua processualística (objetivo estratégico > elaboração <i>ad hoc</i>)
... cada efeito entra em ressonância ou em contradição elementos heterogêneos que surgem aqui ou ali. ... processo de perpétuo preenchimento estratégico.	Mostra o funcionamento (efeitos não previstos + elementos surgentes > reajustamento constante)
... pouco a pouco se forma em torno disso tudo um discurso. ... as experiências se generalizam [...] em rede de instituições. ... já não se pode dizer quem concebeu as estratégias.	Evidencia a estabilização (justificativa e constituição de uma verdade)
... um pensamento que recusa universais (segundo Paul Veyne, 2011).	Adota perspectiva epistemológica (o dispositivo como resultado de estratégias, não de verdades universais)

A segunda coluna explicita a construção conceitual realizada por Foucault e expressa na entrevista.

2. Contextualizando

Sverre Raffnsøe observa que Foucault constrói seu conceito de dispositivo a partir de referências comuns em áreas especializadas: “O dispositivo não é um neologismo fortuito em Foucault, mas ao contrário a reinterpretação de um conceito generalizadamente aceito em francês” (Raffnsøe, 2008, p. 46).

No contexto militar, a palavra aparece no sentido de uma organização com fins estratégicos. No campo jurídico, refere-se à expressão que dispõe uma decisão legal. No domínio das engenharias, trata-se da articulação de partes que vão compor um aparato, para obter um determinado funcionamento, com seus modos de ação. O que interessa, em todos esses dispositivos, é atender a um

requerimento prático por uma organização das coisas ou das palavras, especificamente adequada a este fim.

O sucesso e a diversificação da expressão decorrem da percepção de que determinadas características daqueles objetos podem ser transferidas para outros objetos referindo, nestes, seu modo disposicional, seu agenciamento, suas estratégias para atender a objetivos específicos: modos de dispor as coisas.

Nos anos 70, o termo “dispositivo”, antes acantonado nas lógicas assumidas por aquelas áreas especializadas, recebeu, a partir de Jean-Louis Baudry e de Michel Foucault, uma oportunidade metodológica.

Os dois autores acionaram o termo de modo independente. Há, porém, certa sintonia em alguns aspectos das duas propostas – ambas fazem ampliações de abrangência,

a partir de sentidos práticos presentes nos campos especializados referidos. Quando Baudry trata do dispositivo “cinema”, não refere apenas aspectos técnicos, o aparato de registro ou de projeção, nem apenas a organização envolvida. Observa o desenvolvimento de uma concertação entre aparatos e ações humanas, sociais ou psicológicas, percebendo o agenciamento, com lógicas singulares, entre a sala escura, os espectadores, o filme, o imaginário, o inconsciente freudiano (Baudry, 1975).

A subsequente diversidade de adoções do termo levou em 1998 o GReMS, da Université Louvain-La-Neuve (Bélgica), a organizar o colóquio “Dispositivos & Mediação de Saberes”, para debater os novos usos acadêmicos da noção e sua referência a práticas sociais diversificadas. Dominique Wolton propôs acolher resultados em um número da revista *Hermès* (nº 25, 1999), que publicou 18 artigos derivados das apresentações e debates.

Peeters e Charlier (1999, p. 15-23) mostram, no texto de apresentação, alguns traços principais que, ora uns, ora outros, são enfatizados nos artigos. A expressão “estratégia” aparece como central – trabalho de busca de eficácia em vista de uma finalidade prática. São feitas referências a Michel de Certeau, para quem o dispositivo dá acesso à reflexão sobre práticas sociais “mudas”, consideradas menores, mas atuantes no espaço social – relativizando a ênfase disciplinar do dispositivo foucaultiano.

Aparece aí a diversidade de campos de conhecimento em que os enfoques se inscrevem, de perspectivas segundo as quais os objetos são esquadrihados enquanto “dispositivos”, assim como a variedade de tipos de objetos tratados. Encontramos artigos sobre o dispositivo psicanalítico; de circulação do saber; de gestão de tráfego urbano; de formação profissional; dispositivos midiáticos; sobre o uso de materiais de sala de aula na educação de base – entre outros.

Alguns autores referem diretamente Foucault, mas nem todos. Apesar disso, vários aspectos do modelo foucaultiano parecem ressoar aqui e ali, postos a serviço de objetivos de conhecimento especificados. Em alguns dos artigos, às vezes nos parece que o autor deriva suas perspectivas diretamente dos campos especializados mais tradicionais, entretanto se autorizando extrapolações, dada a difusão do termo.

A variedade não implica nem ausência de referências em comum nem a necessidade de um conceito unificador. Não se trata de buscar uma definição ontológica que capture a essência da coisa “dispositivo”, como critério para decidir o que, na realidade, corresponderia ou não a uma tal categoria – mas sim de uma analítica das lógicas internas de situações que se arranjam por processos pragmáticos. O modelo foucaultiano apresenta vantagens metodológicas e heurísticas justamente em decorrência de seu nível de elaboração pragmática, no próprio trabalho investigativo, como se evidencia na entrevista: as proposições de

Foucault para explicitar o conceito são sempre referidas a exemplos práticos tirados de sua pesquisa.

Deleuze observa que “a filosofia de Foucault se apresenta frequentemente como uma análise de ‘dispositivos’ concretos” (1989, p. 185). Essa percepção de um ângulo filosófico faz apreender o alcance do modelo, que vai além da abordagem estrita dos dispositivos estudados por Foucault.

3. Tensionando

A questão, agora, é refletir sobre essa possibilidade de alcance para além dos dispositivos estudados por Foucault, e particularmente para desentranhar características do fenômeno comunicacional. Para isso, é preciso tensionar o modelo e algumas de suas interpretações correntes, direcionar a atenção para seu uso como heurística e assinalar a possibilidade de transferências e derivações adequadas ao comunicacional.

Para esse trabalho de tensionamento e transferências, vamos tratar (a) da existência de tipos diferentes de dispositivos; (b) de abrangências variáveis dos sistemas de relações (micro e macro); (c) do risco de ênfase excessiva no “dispositivo pronto”; e (d) da necessidade de ir além das regras de funcionamento do dispositivo, chamando a atenção para os processos inferenciais, para ajustes que continuam a se exercer nos arranjos.

a) Diversidade de tipos de dispositivos

Como vimos na referência à revista *Hermès*, há uma grande variedade de abordagens de objetos e situações sociais segundo uma visada “de dispositivo”. Podemos considerar que cada dispositivo é *sui generis*. Isso não impede, porém, que determinadas variações se reconheçam mais ou menos próximas, podendo ser tratadas como conjuntos e caracterizadas como *tipos de dispositivos*.

Tais conjuntos se distinguem pelas urgências de que tratam; pelos objetivos que a sociedade se dá para enfrentá-las; pelas estratégias desenvolvidas; e certamente, também, pelas perspectivas de conhecimento que sejam adotadas para esquadrihar as situações, pelo problema investigativo que o pesquisador pretenda trabalhar em sua pesquisa.

Nas pesquisas em que Michel Foucault desenvolveu sua abordagem, concentrava-se em uma ordem especial de urgências: aquelas decorrentes do desencontro entre experiências sociais de organização abrangente e uma diversificação florescente da subjetividade – sobretudo a partir do século XVII. A estratégia que prevaleceu, para esse tipo de questões, caracterizou-se como sendo principalmente *disciplinar*. Ao mesmo tempo, é o que interessou ao pesquisador esquadrihar, percebendo como aí se

constituem relações entre poderes e saberes no agenciamento da ordem social com as questões de subjetivação; e como determinadas “verdades sociais” se relacionam com decisões articuladoras dessas categorias. A questão, no caso, não é a de simplesmente pretender que a disciplina prevalece; mas sim – quando prevaleceu – *como se organizou*.

Com alguma frequência, características específicas desse tipo de dispositivos – disciplinares – são tomadas, em interpretações da proposta foucaultiana, como parte do modelo geral, fazendo supor que o dispositivo (genérico) se caracterizaria antes de mais nada como uma relação de forças. O próprio Foucault parece afirmá-lo⁶. Mas lembramos que seu trabalho assumido na entrevista não é o de uma conceituação abstrata do dispositivo, e sim o de explicar a abordagem constituída *para os objetos que estuda*. Sublinhamos, então: “dispositivo” não é o nome de uma classe de objetos sociais – mas sim uma percepção do modo de construção do social, para compreender diferentes coisas que são aí elaboradas. É uma visada epistemológica, e não uma teoria propositora de categorias fechadas.

Assim, é fundamental distinguir entre uma caracterização abrangente do modelo proposto e aspectos que são específicos dos dispositivos estudados por Foucault. Por isso mesmo, na primeira parte deste artigo, não entrei na consideração dos aspectos sobre poder e saber referidos por Foucault durante a entrevista, e sim no presente tópico.

Isso não significa omitir questões referentes a poderes e saberes. As relações humanas evidentemente comportam tais componentes. Mas estes não podem ser tomados *a priori*, na análise de dispositivos interacionais, como eixo principal. Devem ser contados entre os elementos heterogêneos *na medida de sua efetiva presença na situação*, nas formas e com a ponderação efetiva que apresentem.

b) Diversidade de abrangência

Além da diversidade de dispositivos conforme urgências e objetivos de sociedade, podemos constatar grande variação de abrangência e complexidade.

Quando tratamos da abrangência de dispositivos no tempo, percebemos questões problemáticas para a sociedade que atravessam longos períodos históricos, assim como experiências e arranjos singulares para urgências pontuais. “Democracia” aparece como um

macrodispositivo, na medida em que a expressão remete a uma invenção da sociedade (Castoriadis, 1982) que atravessa milênios como questão político-social mantendo sua urgência. Esse macroarranjo vai insemear múltiplas situações e seus microarranjos específicos.

Podemos, partindo do outro extremo, estudar “memes” como um *microdispositivo* específico de um momento histórico definido, mas que pode ser observado também como parte de um conjunto de dispositivos, juntamente com provérbios, frases feitas, chavões, slogans, máximas – cada qual um arranjo específico de objetivos e estratégias comunicacionais em que se faz circular uma mesma formulação que pode ser acionada em diferentes situações.

Observamos também situações sincrônicas que comportam um macroarranjo complexo (um sistema educacional; o estado da democracia em uma sociedade nacional; o sistema jurídico de um país; a organização normativa e econômica da mídia). Ou concentramos a atenção em microsistemas de relações, que vão caracterizar experiências abordáveis por suas singularidades pontuais (uma aula, um curso, um partido político, um caso jurídico, um programa de televisão, um blog).

Dada a complexidade social, não cabe imaginar que pudéssemos isolar dispositivos como se fossem situações objetivamente distintas, com fronteiras demarcadoras dos elementos heterogêneos relacionados em um conjunto fechado. As distinções são feitas, antes, pelo enfoque do pesquisador no problema de investigação que elabora.

Foucault estuda macrodispositivos que, no longo tempo histórico, foram elaborados, diversificadamente, sobre determinados problemas sociais e humanos de grande envergadura, conforme estes foram percebidos e enfrentados em cada conjuntura singular. Todos os dispositivos estudados por Foucault se referem a questões pragmaticamente básicas e de longo fôlego para a sociedade humana: as potencialidades e tensões relacionadas a corpo-e-sexo; os sistemas de punição do crime; a loucura como desvio de comportamento, por contraste com uma normalidade psicológica culturalmente definida. Uma atenção especial foi dada aos modos como estes dispositivos foram organizados para disciplinar a diversidade subjetiva – essa é, também, uma questão abrangente, dadas as tensões decorrentes das idiosincrasias de uma subjetividade criativa, mas eventualmente caotizante.

É preciso reconhecer, com Foucault, a especificidade de cada tipo de “solução” socialmente elaborada na forma de seus dispositivos: a sequência de arranjos dispositivos não se caracteriza como uma evolução contínua. Os processos sociais não são um longo caminho evolutivo, continuamente aperfeiçoado a partir dos passos anteriores. Essa impressão resultaria do fato de que determinados problemas humanos e sociais são reiterados através dos múltiplos avatares que tentativamente se constroem para

⁶ “O dispositivo é então sempre inscrito em um jogo de poder, mas sempre ligado também a uma ou mais demarcações de saber, que nascem desse jogo, mas igualmente o condicionam” (Foucault, 1977, p. 300). Entretanto, logo depois vai dizer: “O poder, isso não existe. [...] o poder é na realidade um feixe mais ou menos [...] coordenado de relações” (p. 302). Poderes concretos são exercidos segundo estratégias sempre diferenciadas, a elucidar em sua singularidade: o poder não é uma constante, mas uma variável.

o enfrentamento dos modos concretos e variáveis pelos quais esses problemas se manifestam.

Os grandes problemas não são ideias gerais constantes. A cada momento histórico, em cada cultura que lhes dá forma e sentido, ressurgem concretamente como *urgências singulares*. Ao mesmo tempo, a recorrência permite comparar estas urgências em sua diversidade.

c) A ênfase excessiva no “dispositivo pronto”

Observamos no modelo foucaultiano, malgrado o “processo de perpétuo preenchimento estratégico”, o momento de estabilização – demarcado pelo discurso que explicita, justifica e se diz fundamento do dispositivo socialmente instalado e reconhecido.

Essa instância social, que estamos chamando de “dispositivo pronto” por facilidade de referência (e talvez um pouco de ironia), tende a ser percebida como o principal objeto de interesse – no senso comum, mas também na academia. Talvez isso ocorra porque o dispositivo aparece, aí, em sua realidade concretizada, acessível à vivência social, dando a impressão de que as regras determinaram o arranjo – quando este é que as elabora.

É necessário, então, fazer emergir, ao lado desse ângulo – das regras mais ou menos estabilizadas –, uma ênfase nos processos de elaboração de suas lógicas, nas tentativas de obtenção do arranjo feito, na experimentalidade social de que decorre o objetivo hoje atendido no “dispositivo pronto”.

Devemos observar os deslocamentos – às vezes sutis – que vão se produzindo na exigência de preenchimento estratégico, malgrado a estabilidade obtida. É exatamente isso, aliás, que faz Foucault, como fica evidente nas obras em que abordou dispositivos disciplinares – mostrando como estes se constituíram historicamente, no encontro de urgências e de desenvolvimentos estratégicos que forjaram o jogo. Mas, na recepção dada ao autor, notamos às vezes um interesse excessivamente concentrado nos “dispositivos prontos”.

Quando isso ocorre, o modelo foucaultiano é tomado como teoria explicativa pronta e generalizada da realidade – sem se dar atenção a sua força heurística. Dado que Michel Foucault estudou dispositivos disciplinares e que nestes observou uma confluência de lógicas disciplinadoras que fizeram a sociedade limar determinados espaços de subjetivação, simplesmente se assume que “o dispositivo” seja um processo inexoravelmente disciplinador, de controle, de exercício incontestável “do poder”, constringente da subjetividade. É a isso que caracterizo como ênfase excessiva no “dispositivo pronto”. Até porque, considerado o “perpétuo preenchimento estratégico”, não existem dispositivos *prontos* senão provisoriamente.

Quero reafirmar a necessidade de dar atenção expressa ao ângulo investigativo da proposta de Foucault, que trata

dos processos históricos e antropológicos específicos da gênese singular de cada dispositivo. Isso é importante mesmo no caso de dispositivos longamente estabilizados – o que não significa trans-históricos – tanto para recuperar sua história sem recair necessariamente em sua *auto-história* como para perceber, aí, o que ainda se apresenta como dinâmica e como ajuste, ainda que sutil, a realidades cambiantes, ou como cristalização estagnante.

Com maioria de razão, isso é relevante quando nos encontramos em situações históricas – estimulantes ou distópicas – em que os dispositivos mais variados se encontram sacudidos por novas urgências. Como é o caso da midiática contemporânea.

d) O arranjo como centro do dispositivo

Na sequência do item anterior, é preciso perceber, então, que o que caracteriza um dispositivo não é simplesmente um conjunto de regras que este organiza. As regras (expressas ou culturalmente exercidas) não conseguem informar completamente o arranjo desenvolvido. Lembrando a expressão usada por Foucault (“há como que um jogo”, p. 299), não seria sequer preciso referir o futebol para constatar que um jogo não é inteiramente apanhado, nem de longe, pelas regras a que apenas parcialmente obedece⁷.

As regras fazem parte certamente do arranjo, mas também e necessariamente todos os ajustes e previsões requeridos para seu exercício: os objetivos diferenciados dos participantes que o exercem, os graus de incorporação do sentido do jogo (Bourdieu, 2004, p. 79), as fronteiras deste com outros jogos socialmente imbricados, o enfrentamento constante com os efeitos não previstos dos próprios lances, os elementos que incessantemente se agregam ou são perdidos no caminho. Regras sociais são estruturalmente incompletas.

Aqui podemos perceber que as condições de gênese do dispositivo não são informações secundárias – encontram-se presentes tanto nas regras como nas estratégias que continuam a dinamizar os dispositivos. É por isso que, em vez de referir apenas regras do sistema de relações estabelecidas pelo dispositivo, prefiro tratar das “lógicas do dispositivo”.

As lógicas do sistema não são feitas apenas de regras, formalizadas ou não. Compõem-se também de microestratégias, de tentativas a serem geradas *ad hoc*, na prática social das competências a serem incorporadas, de *insights*, de desvios menores ou maiores, de reinvenções, ainda que micrométricas – enfim, de tudo o necessário para ajustar

⁷ Ver a relação que Bourdieu faz entre regras e estratégias (2004, p. 77-95). Acrescentamos, porém, que enquanto Bourdieu trata apenas de estratégias que tensionam regras (o que já é interessante), percebemos também estratégias que criam e transformam regras.

as regras e o funcionamento do dispositivo às realidades concretas variáveis em que este é acionado.

Pretendo demonstrar, no próximo item, que as lógicas do dispositivo são de natureza comunicacional.

4. Derivando

Os quatro tópicos do item anterior mostram a potencialidade metodológica da abordagem para a investigação empírica de diferentes situações sociais. No presente item, propomos derivações correspondentes àqueles tópicos – conforme o objetivo expresso no início do artigo, de redirecionar a heurística para a pesquisa em comunicação, a serviço do desentranhamento do fenômeno comunicacional.

a) Dispositivos interacionais

Um primeiro passo é observar que, dentre todos os dispositivos em que a sociedade se arranja, alguns se concentram perceptivelmente em urgências comunicacionais. Reconhecendo as diferenças entre seres humanos, e constatando que somos desprovidos de um “instinto equalizador” entre espécimes (de que dispõem os animais sociais) que viabilize diretamente nossas ações integradas, estaríamos condenados ao desencontro de idiosincrasias, levando-nos a uma incompetência adaptativa na seleção natural. A competência comunicacional parece ser a contraprestação dessa lacuna, viabilizando a articulação de diferenças em modos experimentais⁸.

Trata-se, então, de dar atenção à presença de *modos pelos quais se relacionam as diferenças* entre os próprios participantes e entre estes e outros setores da sociedade. As urgências que solicitam esse enfoque são aquelas em que a própria diversidade humana se apresenta como questão a ser enfrentada, para viabilizar uma ação articulada. Interessa, aí, perceber que objetivos – certamente complexos e raramente harmônicos – os participantes se dão, se cobram mutuamente, ou vão constituindo, ainda que aos trancos e barrancos, para encaminhar as questões postas por aquela diversidade. Em Braga *et al.* (2017), nosso grupo de pesquisa estuda lógicas internas de diferentes arranjos empíricos com tais características.

No modelo foucaultiano – nos ângulos em que o assumimos válido para qualquer tipo de dispositivo – a substância é o sistema de relações entre os elementos constituintes do dispositivo. Em um dispositivo que se percebe como interacional, a construção do sistema de

relações entre participantes, desde o início de sua elaboração, *constitui o próprio problema que solicita estratégias tentativas.*

b) Macro e microdispositivos de comunicação

No enfrentamento desse problema central para a humanidade, que é a necessidade de reinventar reiteradamente modos para ação articulada, foram sendo desenvolvidos agenciamentos que aparecem como macrodispositivos comunicacionais. Expressam modos diversificados de lidar com diferentes problemas de relações entre os humanos e destes com a natureza, modos especiais de interação para lidar com ângulos específicos da necessidade comunicacional: narração, informação, persuasão, debates, aprendizagem, negociação, dialética, retórica, ficção, fofoca, geração de opinião... O que são esses processos senão modos diversos de agenciar conexões desejáveis ou possíveis entre seres humanos, grupos e sociedade? Não são nomes de essências nem de categorias ontologicamente fechadas – são inventados em modo pragmático para resolver problemas. Mas são estratégias abrangentes, com grande variação interna de táticas, para urgências e objetivos diversificados.

Terão sido historicamente desenvolvidos no atendimento a necessidades mais ou menos específicas – por exemplo, organizar a caçada; contar suas peripécias; conflitos entre tribos; falas da tribo ao redor da fogueira. Mais tarde: os sofistas, a agonística na filosofia grega, o teatro grego, a peripatética. E mais tarde, ainda, as escolas, a literatura, as artes em geral, o jornal, a publicidade, o marketing, a midiaticização. Desde sempre, a política. E assim por diante, indefinidamente.

A partir de estratégias experimentadas em situações variadas, através da história humana, esses agenciamentos foram praticados, modelizados – e transferidos para outras situações. Mantida a referência abrangente consolidada em sua denominação, vão se especificando em exercícios concretos diferenciados. Pensar “informação”: na política; no jornalismo; na espionagem; na teoria matemática; na biologia; no *big data*. Persuasão (com ou sem agonística): na academia; nos negócios; nos movimentos sociais; na política; na publicidade. Aprendizagem: nas mais variadas situações, para além do ambiente escolar.

Não surpreende que alguns desses macroagenciamentos tenham se tornado o eixo de *profissões da comunicação*. Mas estas profissões não esgotam a totalidade dos arranjos pontuais que se elaboram. Os arranjos estão sempre presentes, transversalmente a outras ordens de objetivação social, distintos ou imbricados, singularizados em seus objetivos específicos. Há, portanto, uma grande diversidade de microdispositivos, que referem, em composições variadas, àqueles macroagenciamentos de ordem comunicacional.

⁸ Essa hipótese não implica um direcionamento biológico da comunicação – mas justamente o contrário: viabiliza um processo comunicacional menos dependente do biológico e mais diretamente elaborado nas práticas da organização sociocultural (ver Braga, 2015).

Na analítica de tais microarranjos, relacioná-los aos macrodispositivos, sem perder de vista sua singularidade pontual, é uma atitude produtiva para o desenranhamento de características do fenômeno comunicacional.

c) Arranjos disposicionais vs. “dispositivo pronto”

Os espaços em que a comunicação aparece hoje como questão e urgência se mostram em situação de experimentalidade social. É o que podemos observar nos estudos sobre a crescente midiaticização da sociedade. A simples atenção à institucionalidade estabelecida não nos oferecerá uma melhor compreensão do problema – porque faz com que as questões sejam vistas como dependentes de dispositivos assumidos “prontos” – instituídos.

Considerar as variações do fenômeno comunicacional a partir de tais padrões seria tomar a comunicação como epifenômeno. É nesse aspecto que uma ênfase excessiva nos “dispositivos prontos” é constringente para o estudo comunicacional. Correlacionado a essa percepção, que criticamos em item anterior, tenho sentido um desconforto crescente com o termo “dispositivo” – por duas razões. A primeira, de ordem prática, decorre do fato de que a palavra passou a designar, em nossa área, os dispositivos técnicos. Mesmo que sejam articulados a outros elementos, de ordem social, tendem a ser vistos como determinantes.

A segunda é mais crucial: mesmo quando estamos referindo dispositivos em perspectiva foucaultiana, o substantivo tem uma atração reificadora. O termo concentra a atenção no dispositivo “pronto”, nas regras estabelecidas e no discurso justificador.

O modelo heurístico de Foucault não se concentra no dispositivo pronto, e sim no processo estratégico continuado – a ser desvelado na pesquisa. Malgrado a “imagem de marca” que torna a expressão “dispositivos” uma referência direta ao pensamento de Foucault, o desvio interpretativo prejudica seu entendimento. Minha perspectiva é ensaiar outras expressões, que afastem a interpretação reificadora. É por isso que adoto no título deste artigo a expressão “arranjos disposicionais”, dando ênfase à substância do conceito e à sua natureza. Não se trata de outro objeto, distinto do observado por Foucault, mas sim do ângulo mais pertinente para observá-lo.

A expressão sublinha apenas que nosso objeto de pesquisa é a singularidade dos arranjos e as estratégias que os elaboram. O esquadramento das regras é relevante porque estas compõem o arranjo obtido e não porque sejam o fundamento das ocorrências sociais. A apreensão das estratégias é básica, porque sem estas as regras são abstratas.

d) As lógicas do sistema de relações como processo comunicacional

Duas observações são ainda necessárias para completar essa reflexão sobre a centralidade do arranjo, na pesquisa em comunicação.

A primeira é que estamos inscritos em um momento histórico em que a midiaticização generalizada da sociedade se articula com outros macrofenômenos, compondo um canteiro de instabilidades. Ao lado da busca de compreensão das questões na genealogia histórica, é preciso acompanhar a experimentalidade social desencadeada.

Um só exemplo: a proliferação das *fake news*, viabilizadas por novas tecnologias e novos arranjos sociais de geração e circulação de informações (que buscam, por sua vez, responder a urgências difusamente surgidas na sociedade), parece instabilizar todos os processos – políticos, jurídicos, informativos e culturais da sociedade. Como se compreendem as estratégias a que se dá o nome de *fake news*? Quais as suas “lógicas”? Que tentativas, negociações, estratégias – seja para enfrentamento, seja para explorar a situação – estão sendo feitas no espaço social? Que urgências levaram a essa situação?

A segunda observação é epistemológica, para os estudos da comunicação. Se os arranjos, as lógicas do jogo (com seus objetivos, suas regras de funcionamento e suas táticas de ajuste) são a dinâmica central do dispositivo – e aqui, de qualquer dispositivo social assumido na lógica do modelo foucaultiano –, *então devemos perceber a centralidade da comunicação em todo e qualquer processo social*. Arranjos disposicionais são, *em si mesmos*, exercícios práticos da potencialidade comunicacional do ser humano.

Os participantes de qualquer arranjo, estabelecido ou em desenvolvimento, são evidentemente diferenciados entre si – e frequentemente divergentes. A comunicação é o único que temos como modo de fazer relacionar tais diferenças – seja em consenso, em equilíbrios tentativas ou em franco desacordo. É preciso lembrar que a política não é apenas relação de forças – mas sobretudo negociação entre diferenças. Os arranjos assim como as estratégias sociais que os elaboram, em qualquer área da prática ou do conhecimento, *são exemplos do processo comunicacional em ação*.

Conclusão

Não propomos substituir a ênfase disciplinar dos dispositivos foucaultianos por uma ênfase comunicacional. Trata-se apenas de sublinhar a potencialidade heurística do modelo, despreendido de um enfoque exclusivo nos objetos sobre os quais seu autor os desenvolveu, para estimular uma analítica das mais diversas situações sociais. Uma heurística se demarca pelas perguntas que viabiliza.

Os participantes sociais se arranjam, nas condições de entorno, para atender aos objetivos que se deram, no enfrentamento das urgências solicitadoras de ação integrada. Longe de pretender explicar essas ocorrências segundo critérios e categorias apriorísticas, o modelo permite esquadrihar os elementos efetivamente presentes, as experiências e as estratégias em que se elaboram as lógicas internas de cada arranjo disposicional.

Considerando que tais lógicas – e seu próprio desenvolvimento tentativo – são de natureza comunicacional, pela interação requerida em sua elaboração, a investigação empírica que observa tais dimensões oferece uma abertura para a compreensão de características do fenômeno da comunicação aí ocorrente.

Cabe sublinhar que há uma mudança de escala entre a proposição de dispositivos interacionais (como um tipo entre outros de tal sorte de arranjos) e a afirmação de que os processos e as lógicas de quaisquer arranjos disposicionais, na sociedade, caracterizam-se basicamente como de ordem comunicacional. Na primeira, afirmamos a presença de arranjos voltados para viabilizar interação; na segunda, propomos que a comunicação se encontra na base de todo e qualquer arranjo disposicional.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. 2005. O que é um dispositivo? *Revista Outra Travessia*, Florianópolis, UFSC, 5:9-16. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>
- BAUDRY, Jean-Louis. 1975. Le dispositif. *Communications*, Numéro Thématique Psychanalyse et cinéma, 23:56-72. DOI 10.3406/comm. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1975_num_23_1_1348
- BOURDIEU, Pierre. [1987] 2004. Da regra às estratégias. In: *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, p. 77-95.
- BRAGA, José Luiz. 2015. O grau zero da comunicação. *E-Compós*, Brasília, Compós, 18/2:1-17. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1161/833>
- BRAGA, José Luiz; Calazans, Regina; Rabelo, Leon; Casali, Caroline; Machado, Michelli; Melo, Paula; Zucolo, Rosana C.; Medeiros, Ana Lúcia; Benevides, Pedro; Klein, Eloísa; Xavier, Monalisa Pontes; Dornelles Pares, André. 2017. *Matrizes Interacionais – a comunicação constrói a sociedade*. Campina Grande, EDUEPB, 449 p.
- CASTORIADIS, Cornelius. 1982. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo, Paz e Terra.
- DELEUZE, Gilles. 1989. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: *Rencontre Internationale Michel Foucault philosophe*. Paris 9 à 11 janvier 1988. Paris, Éditions du Seuil, p. 185-195.
- FOUCAULT, Michel. 1994 [1977]. Le jeu de Michel Foucault. Entrevista dada à revista *Ornicar?* In: Michel FOUCAULT, *Dits et écrits*, Tome III. Paris, Gallimard, p. 298-329.
- FOUCAULT, Michel. 1980 [1977]. The confession of the flesh. Interview. In: Colin GORDON (ed.), *Power/Knowledge: selected interviews and other writings*. New York, Pantheon Books, p. 194-228.
- GReMS, Centre de Recherches sur l'Éducation aux Médias, du Département de Communication Université catholique de Louvain (Belgique). 1998. Présentation du colloque Dispositifs & Médiation des Savoirs. Disponível em: <http://www.comu.ucl.ac.be/reco/grems/agenda/dispositif/presentation.htm>
- ORNICAR? 1977. Bulletin périodique du champ freudien, 10:62-93, juillet. Le jeu de Michel Foucault. Entretien avec D. Colas, A. Grosrichard, G. Le Gaufey, J. Livi, G. Miller, J. Miller, J.-A. Miller, C. Millot, G. Wageman.
- PEETERS, Hugues; CHARLIER, Philippe. 1999. Contributions à une théorie du dispositif. *Hermès: Le dispositif entre l'usage et le concept*, Paris, Institut des sciences de la communication/CNRS, 25:15-23.
- RAFFNSØE, Sverre. 2008. Qu'est-ce qu'un dispositif? L'analytique sociale de Michel Foucault. *Symposium: Revue canadienne de philosophie continentale*, 12(1):44-66. Disponível também em: https://www.researchgate.net/publication/40745059_Qu'est-ce_qu'un_dispositif_L'analytique_sociale_de_Michel_Foucault
- REVUE HERMÈS. 1999. *Le dispositif entre usage et concept*. Paris, Institut des sciences de la communication/CNRS, n° 25. Disponível em: <http://documents.irevues.inist.fr/handle/2042/14700>
- VEYNE, Paul. 2011. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Artigo submetido em 04-07-2018
Aceito em 29-11-2018